CICLO DE CONFERÊNCIAS DO GRUPO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE MG (GEP-MG)
"A visão psicanalítica dos Sete Pecados Capitais"

A AVAREZA
Moral e Psicanálise

Flávio José de Lima NEVES[1]
Sonia A. PENNA[2]

"Amigo é coisa para se guardar no lado esquerdo do peito, junto do coração..."

---

[1] Psicólogo, medico-psiquiatra e psicanalista. Membro associado e docente da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais / IPA. (1945- 2010).

[2] Psicóloga, psicanalista. Mestre e doutoranda em Psicologia Clínica pela Université de Louvain, Bélgica. Formação em psicanálise na École Belge de Psychanalyse, coordenadora do Convênio do curso de Sciences Humaines Cliniques da Université de Paris VII com entidades psicanalíticas brasileiras (1976-1983)..

Avaritia por Holbein

RESUMO

Evitamos neste trabalho a tendência de tratar a avareza enquanto adjetivo, característica ou elemento integrante de uma constituição anal. Por se tratar de pecado capital, a avareza é aqui tratada substantivamente e estruturalmente e o Avarento considerado como um sujeito que carrega um grande vício ou uma **modalidade específica de existência**. Para caracterizar substantivamente este pecador, o Avaro ou Avarento, procuramos **três pontos de partida confiáveis**: **a Linguagem**, pois ela contém a apreensão vulgar e sedimentada, **a literatura universal**, que foi criando os estereótipos do homem avaro, e a caracterização **teológica do pecado**. Dessas três fontes principais, acrescidas de vinhetas pontuais de casos clínicos, extraímos o material que utilizamos para aprofundar, do ponto de vista psicanalítico, nossa compreensão da avareza. Tal aprofundamento nos levou a reconsiderar as fantasias subjacentes ao que denominamos **complexo da avareza** e isso nos permitiu descobrir uma nova derivação fantasmática. Procuramos também estabelecer algumas bases para uma fenomenologia do corpo, relações sociais e *pathos* do avarento, revendo a literatura psicanalítica clássica sobre o tema e propondo uma perspectiva nova das formações inconscientes que a clínica e a observação literária nos permitem inferir. N a **segunda parte, fazemos** uma **reflexão sobre os aspectos psicossociais da avareza**, mostrando como esta se torna um traço da sociedade capitalista e como ela consegue se alastrar na sociedade moderna globalizada.

PRÓLOGO

O conceito de pecados capitais: breve histórico

O conceito de pecado e, mais particularmente, de pecado capital, remonta à tradição judaico-cristã. A partir da aliança estabelecida por Javé com Moisés, representante e legislador do povo eleito, toda uma legislação passou a vigorar, com princípios bem estabelecidos para uma rígida observância e qualquer infração era considerada como pecado

contra Deus e, consequentemente, sujeita à punição divina. Vemos esta noção já presente no livro do Gênesis, com o pecado de Adão e Eva, expulsos do paraíso porque desobedeceram à ordem de Deus e, a partir daí, cada vez mais claramente caracterizada e codificada nos livros seguintes do antigo testamento: Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio e outros da série denominada "textos de legislação e história".

Na mentalidade grega clássica não se operava com o conceito de pecado, na acepção judaico-cristã. A formação do homem grego, do homem político, isto é, da *pólis*, do cidadão, se fazia dentro de critérios filosóficos que visavam à integração de um saber imbuído de princípios e valores éticos, metafísicos e estéticos, aliados à prática das virtudes ligadas à saúde e força físicas. Este conjunto de atributos constituía a *Paidéia*, palavra grega de difícil tradução, mas que se aproxima do que denominamos hoje de **formação (ensinar para formar, construir)**, no sentido do termo alemão *Bildung*. A noção que mais se aproxima de pecado na mentalidade grega clássica, enquanto ofensa grave contra Deus é o conceito de ***hybris***. Esta é uma atitude caracterizada por uma desmesurada perda de equilíbrio, arrogância, excesso, algo que ultrapassa os limites do que é a harmonia, que é designada pelo termo ***métron***.[3] Como exemplo, Héracles, que era filho de Zeus com uma humana, Alcmena, manifestou a ***hybris*** contra a deusa Hera, mulher de Zeus. Ofendida e enciumada, ela puniu a arrogância do herói e condenou-o a executar doze trabalhos quase impossíveis, sob a vigilância de Euristeu, rei de Micenas, a quem Héracles tinha de prestar contas de cada tarefa executada, para depois receber uma nova incumbência.

---

[3] Em seu recente livro, 'A Sabedoria dos Mitos Gregos", Luc Ferry, grande defensor do retorno das humanidades como resposta às grandes questões humanas, relembra a questão da ***hybris***: *"Entre os animais não há hybris possível, pois são guiados pelo instinto comum da espécie, não havendo risco de não guardarem o devido lugar. (..) Os homens, pelo contrario, gozam de espécie de liberdade, de uma capacidade para excessos... essa liberdade está na base da hybris. (...) O ser humano é por excelência aquele que pode ir longe demais (...) a humanidade é a única espécie que pode devastar a Terra, pois é a única que dispõe de capacidades de invenção e de revolta contra a natureza."* (Ferry, Luc – A Sabedoria dos Mitos gregos" Edit. Objetiva, Rio de Janeiro, 2008, p. 168-174)

Na mentalidade cristã, a noção de pecado, – este concebido como ofensa contra Deus e como falta que merece sempre alguma punição e da qual, mediante arrependimento, o homem pode receber o perdão após a prática de uma penitência – constituiu-se como um conceito fundamental da espiritualidade. Desde os primeiros séculos da era cristã, o monaquismo primitivo tinha, como um de seus valores mais importantes, a ascese, palavra que significa combate ou luta. Combate contra os chamados vícios, que deviam ser veementemente substituídos pela prática das virtudes. Nos escritos dos monges do deserto do Egito, nos dois primeiros séculos da nossa era e nos escritos dos Padres da Igreja, que constituem a Patrologia, conjunto de obras teológicas escritas entre o segundo e o oitavo séculos depois de Cristo, encontramos tratados extremamente complexos sobre a vida espiritual e suas vicissitudes. Os principais vícios, objeto da ascese dos antigos monges, eram a fornicação ou impureza (antigo nome para a luxúria), a avareza, a ira, a gula, a soberba (mais forte que o orgulho!), a inveja e a acedia ou acídia, nome antigo para a preguiça, mas que tinha a conotação de desânimo e desinteresse, portanto algo que pode muito bem ter a conotação de depressão. Na literatura cristã dos primeiros séculos, encontramos **João Cassiano** e o papa **Gregório Magno** como dois autores que deram uma sistematização importante ao conceito de pecado. É deles que se origina a noção de "pecados capitais", assim designados por sua capacidade de gerar outros pecados e outros vícios (Catecismo da Igreja Católica, Edição Típica Vaticana, Ed. Loyola, 1999).

Em **Santo Agostinho**, a avareza é tomada também como desordenada cobiça de quaisquer bens e, neste sentido, é um pecado genérico, pois todo pecado é um voltar-se desordenadamente a algum bem passageiro (Super Gen. XI, 5). Aparece assim uma modalidade de **avareza "geral"**, pela qual se deseja alguma coisa mais do que o devido, e uma **avareza "específica"**, à qual se chama usualmente amor ao dinheiro. A razão desta distinção está no fato de que a avareza é um desordenado **afã de ter e "ter" pode ser entendido de modo específico ou geral**, pois também dizemos que "temos" aquelas coisas de que podemos dispor a bel prazer [tempo, saúde etc. (Cfr. II-II, 118, 2]. Assim também a avareza é tomada em sentido geral, como desordenado afã de "ter" uma coisa qualquer, e em sentido específico, pelo afã de

propriedade de posses que se resumem todas no dinheiro, pois seu preço é medido com dinheiro, (*Eth.* IV, 1, 1119 b 26-27).

No século XIII, **Tomás de Aquino**, expressão máxima da escolástica, em sua obra ***De Malo***, dedicada totalmente às raízes da moral, deu uma forma definitiva aos pecados capitais, fundamentada pela filosofia aristotélica e que, ainda hoje, é a base da doutrina da igreja católica sobre a matéria. Assim, os pecados capitais chegaram a nossos dias com a nomenclatura que estamos usando para desenvolver a programação de nossos seminários: avareza, luxúria, soberba, preguiça, ira, inveja e gula.

1ª. PARTE: REVISÃO DA TEORIA DO IMAGINÁRIO (FANTASIAS) LIGADO À AVAREZA

Avareza enquanto modo de existência

Avareza enquanto característica descritiva (com função adjetival), frequentemente acompanha as elaborações teóricas da psicanálise sobre o erotismo anal. Dos grandes casos clínicos sobre análise das fantasias anais, temos o Caso do Homem dos Ratos, que não é propriamente um modelo da avareza. A analidade aí vai dar origem a um distúrbio neurótico extremamente sofrido e penoso que é a neurose obsessiva. Traços de avareza são citados em vários dos principais trabalhos sobre a analidade, inaugurados pelo estudo de Freud de 1908.

Nosso propósito aqui, no entanto, não é tratar a avareza enquanto adjetivo, característica ou elemento integrante de uma constituição anal. Por se tratar de pecado capital, a avareza deve ser tratada substantivamente e estruturalmente, enquanto o Avarento deve ser considerado como um sujeito que carrega um grande vício ou uma **modalidade específica de existência**. Para caracterizar substantivamente este pecador, o Avaro ou Avarento, procuramos **três pontos de partida confiáveis**: **a Linguagem**, pois ela contém a apreensão vulgar e sedimentada, **a literatura universal**, que foi criando os estereótipos do homem avaro, e a caracterização **teológica do pecado**. Dessas

três fontes principais, e vinhetas pontuais de casos clínicos, extraímos o material que utilizaremos para aprofundar, do ponto de vista psicanalítico, nossa compreensão da avareza.

Em seguida, apresentaremos uma **segunda parte**, onde faremos uma **reflexão sobre os aspectos psicossociais da avareza**: como esta se torna um traço da sociedade capitalista e como ela consegue se alastrar na sociedade moderna globalizada.

A Linguagem vulgar

A língua portuguesa foi brindada pelo excepcional levantamento de sinônimos de avarento compilado em nosso dicionário **Aurélio**. Desconhecemos outro que tenha conseguido uma tão completa lista. O Robert da língua francesa dá um total de apenas 15 diferentes, palavras, enquanto o nosso levantou 87 sinônimos e termos referentes ao avaro, recorrendo amplamente à língua falada e às gírias. Esse registro inédito oferece-nos uma coleção bastante completa das características do avarento. Dá-nos uma base confiável que, por ser compartilhada no interior de uma língua, tem ainda estatuto de boa amostragem estatística. A partir deste registro, e ainda consultando as grandes peças da literatura sobre a Avareza, vamos começar pela descrição desse personagem que carrega em si um dos grandes pecados dos homens, o pecado capital do apego aos bens materiais.

O Corpo do Avarento

A rara coleção de termos sobre o avarento que nos oferece o Aurélio, já foi utilizada como material em outro trabalho sobre a avareza. Consideramos oportuno retomá-la[4], pois isso nos permitirá, de forma bastante segura, descrever o nosso tema inicial: o avarento e seu aspecto. De todos os pecadores capitais, o avarento foi o maior alvo de caricaturas

[4] Referimo-nos ao trabalho de Melânia Silva de Aguiar, denominado "A avareza na Literatura: a paixão de "ter" através dos tempos"" , in "Os sete Pecados Capitais", Edit. Autêntica, Belo Horizonte, 2001.

e xingamentos. Do invejoso, soberbo, preguiçoso, irado e luxurioso não se construiu uma imagem específica. Já o glutão e o avarento foram sempre representados de forma caricata e bem típica.

Comecemos pelas palavras, dentro desta extensa lista, referentes à **expressão corporal** ou ao **corpo**: acanhado, agarrado, manicuto, manicurto, miúdo, unha-de-fome, fuinha, mão-de-finado, mão-de-leitão, mãos-atadas, munheca-de-samambaia, olhinho, unhaca, unhas, unha-de-fome, tenaz.

A partir dessas palavras, podemos chegar à **imagem física** que as pessoas fazem do avarento, ou seja, ao seu **estereótipo social**. Assim temos:

1. curvado para frente
2. idéia de pequeno (miúdo, migalheiro, mirra, acanhado)
3. braços presos no tronco e encurtados (agarrado, casca, resina)
4. mãos fechadas e enrijecidas e entortadas para dentro (munheca-de-samambaia, mão-de-leitão, mão-de-vaca, mão-de-defunto, mãos-atadas, manicurto).
5. olhos pequenos e apertados (olhinho)
6. nariz comprido e fino (fuinha, tamanduá, foca) procurando um cheiro preciso
7. unhas duras em prensa (tenaz, unha-de-fome, pirão-na-unha, unhas, unhaca)
8. olhar preocupado
9. inquietação
10. sobressaltos e sustos
11. idoso
12. desleixo com a aparência

Patologia dos braços e mãos

De tais características, ressalta imediatamente a constatação de que existe uma **Patologia dos braços e mãos**, evidenciada numa inibição dos movimentos. Isso assinala uma pulsão para o "figé", o petrificado, o congelado e a imobilização, mostrando temor no movimentar e no "fazer". Esta dificuldade também aparece no modo enrijecido do ato de caminhar. A observação vulgar e a literatura sublinham a falta de leveza e a rigidez do corpo, como um corpo semimorto, petrificado, ou o descrevem de forma semelhante a um saco rijo, sem flexibilidade.

Gostaríamos de sugerir para este homem-avaro uma denominação específica, pois ele se mostra como o avesso tanto do ***homo sapiens*** como do ***homo faber***. Vamos, pois denominá-lo "***homo conservans***".

A palavra "***conservans***" vem de "con-servar, conservador, do latim ***Conservatio***, com a partícula *cum* e o verbo servir ou serviço (***servitium***), que tem ao mesmo tempo uma conotação de "escravidão" e a referência ao "***ensemble des charges et obligations envers la divinité***". Portanto, algo que submete (escravidão), algo que impõe obrigações pesadas, pois são obrigações para com a divindade, e, ainda, a idéia de docilidade e de montar guarda. Somente no século XVI a palavra "serviço" em francês adquire o sentido de certa mobilidade, indicando o uso "pôr a serviço de" como conjunto de operações que põe algo para funcionar. Primitivamente, contudo, parece estar ligada a situações em que a pessoa é imobilizada, domesticada e fixada em uma certa posição (Dic. *Petit Robert*).

Em suma, o avarento não mexe nem com o seu corpo, nem com seus bens, parecendo sonhar com a imobilidade do Thanatos e da divindade em suas representações escultóricas hieráticas (o deus-estátua ou a idolatria=adoração da imagem).

Algumas imagens da iconografia sobre a avareza destacam esses aspectos que a linguagem popular atribui aos avarentos típicos.

Vejamos com Dickens, em *Um conto de Natal,* descreve seu personagem Scrooge:

> Scrooge era um tremendo pão-duro! Um velho sovina, avarento, unha-de-fome e ganancioso! Duro e áspero (...) não era possível arrancar dele a menor faísca de generosidade. Era solitário e fechado como uma ostra. A sua frieza congelou o seu rosto e encompridou ainda mais o nariz pontudo, murchou suas bochechas, endureceu seu caminhar; deixou seus olhos vermelhos, azulou seus lábios finos, e tornou ferino o tom de sua áspera voz. Uma camada de gelo cobria a sua cabeça. ...(...)

E assim fala Balzac sobre Père Grandet:

> Fisicamente, Grandet media cinco pés, era atarracado, quadrado (...) o queixo era reto, os lábios não tinham sinuosidades (...) seus olhos tinham a expressão calma e devoradora (...) a testa cheia de rugas transversais (...) o nariz, grosso na ponta, suportava um lobinho (...). Era uma figura que anunciava uma fineza perigosa, probidade sem calor, o egoísmo de um homem habituado a concentrar os sentimentos no gozo da avareza.

Patologia das Relações sociais

A Avareza incomoda e provoca raiva nos que se relacionam com a pessoa avara. Isso porque os que circundam o avarento desejam os bens que este possui (***convoitise***) e, ao tentarem obter dele tais bens, recebem como resposta um **NÃO INFLEXÍVEL**. Como reação, insultam o avarento com nomes depreciativos. É preciso, portanto, diferenciar, nestes epítetos, o que é proveniente de uma compreensão da personalidade do avarento e o que é, apenas, uma reação de raiva contra ele, por frustrar os anseios dos que o circundam. Uma verdadeira relação dialética entre os invejosos e os avarentos, entre o cobiçar de uns e o reter dos outros, cria uma dinâmica peculiar nestas relações. Tanto é rica esta dinâmica, que Walt Disney explorou-a durante décadas, como podemos ver entre o Tio Patinhas e seus sobrinhos.

O avarento, por sua vez, tem intenso **medo de ser invadido**, roubado, saqueado. Isso o incomoda mais do que a perda do amor dos

parentes e amigos. Ele é sempre ridicularizado como alguém mesquinho, menor que os outros. Na verdade é ele que se mostra menor, se mostra pobre para sobreviver aos ataques. Exibe um comportamento de defesa do tipo "camaleão" fingindo ser uma pessoa invisível[5]. No fundo, ele persegue uma **idéia de TOTALIDADE** guardada **secretamente**, que funciona como meta ideal a se alcançar "custe o que custar" e "doa em quem doer".

O personagem de Balzac, para se defender, tartamudeava e fingia ser surdo, usando destes artifícios, de forma teatral, para ocultar seu pensamento e ganhar tempo:

> *"impacientar o adversário comercial que, ocupado a exprimir o pensamento do outro, perdia constantemente de vista o seu próprio".*

Literatura psicanalítica clássica sobre o erotismo e o caráter anais[6]

Dando sequência aos exemplos tomados da linguagem popular, faremos uma rápida revisão de alguns conceitos fundamentais da psicanálise que constituem um corpo teórico estabelecido para a compreensão da avareza e de suas bases inconscientes. Em seguida, extrairemos da literatura universal elementos que nos parecem emblemáticos do tema que estamos tratando.

---

[5] Dickens, Charles, em "Um Conto de Natal": "Ninguém jamais o parou na rua... Mas Scrooge não estava nem aí! Ele até preferia que fosse assim; o que ele mais gostava nesse mundo era passar através da multidão sem precisar demonstrar qualquer simpatia humana"...

[6] Para um aprofundamento da problemática anal, classicamente considerada como o terreno psicopatológico subjacente à avareza, remetemos o leitor aos trabalhos que são considerados indispensáveis, para se compreender a questão da analidade e de suas vicissitudes. Os principais autores são: **Freud** (Caráter e Erotismo Anal [1908], Três Ensaios [1905], O Homem dos Ratos [1910], Predisposição à Neurose Obsessiva [1913]) , **Karl Abraham** (Estudo Psicanalítico da Formação do Caráter; Complementos à Teoria do Caráter Anal [1915]), **Lou Andreas Salomé** (Anal und Sexual [1913]), **Ernest Jones** (O ódio e o erotismo anal na neurose obsessiva [1914]), **André Green** (Metapsychologie de La Névrose Obsessionnelle).

Freud, no texto "O caráter e o erotismo anal" (1908), enumera as três características que são fundamentais para a formação do caráter anal: organização, parcimônia e obstinação. Ele parte da hipótese que essas pessoas levaram um tempo mais longo para superar sua incontinência fecal e conseguir um controle efetivo sobre a evacuação. Mesmo já crianças crescidas, essas pessoas sofriam ocasionalmente algum fracasso no exercício desse controle. O erotismo anal é um dos componentes da pulsão sexual que, ao longo do desenvolvimento psicossexual e por causa da repressão imposta pela cultura, acabou ocupando um lugar secundário e pouco aceito em relação às finalidades sexuais. A partir daí, considera-se que esses três traços de caráter – **organização, parcimônia e obstinação** – sejam importantes em sujeitos originalmente anal-eróticos, sendo expressões de algum grau de sublimação do erotismo anal. Freud propõe a idéia de traços permanentes de caráter como prolongamentos remanescentes e inalterados da pulsão original ou formações reativas contra as mesmas.

Karl Abraham, em seu artigo "Contribuições à teoria do caráter anal" (1921), partindo do artigo supracitado de Freud e mencionando, ainda, contribuições de Férenczi e Jones, passa a apresentar suas idéias a respeito da organização pré-genital da libido. Abraham salienta seu interesse no estudo da **formação do caráter**, a partir do componente pré-genital anal. Retoma os três traços característicos da analidade mencionados por Freud e os amplia: o amor à ordem passa a ser descrito como **pedantismo e meticulosidade**; a parcimônia se estende à **mesquinharia e à avareza** e a obstinação pode se transformar em **teimosia, agressividade, ou em desafio colérico.** Abraham cita Sadger, que afirma que nos portadores de caráter anal observam-se outras características, tais como a **procrastinação** e uma fantasia de **superioridade**, idéia de que eles são capazes da fazer tudo melhor do que os outros. Ressalta ainda o prazer que a criança tem no contato com o jato morno de urina contra sua pele da região das nádegas e das coxas durante a micção, assim como o contato com a massa mole e úmida dos excrementos. A etapa seguinte ao prazer de contato com as produções físicas é a da manipulação das fezes, consideradas pela criança como sua primeira criação, portanto, algo de muito precioso e, ao mesmo tempo, um

prolongamento do seu próprio corpo.[7] A perda das fezes pode ser vivenciada inconscientemente pela criança como perda tanto de uma unidade corporal, como perda de uma parte importante da representação que ela está formando de si mesma. A repressão, imposta pela educação e pela imposição dos hábitos de higiene, convencionados socialmente, fazem com que a repugnância apareça no lugar de prazer, ao mesmo tempo em que podem aparecer sentimentos inconscientes de oposicionismo, teimosia e vingança relativos à vivência de perda. Outras características próprias ao caráter anal, citadas por Abraham, são a **necessidade de controle sobre os objetos**, que envolve diretamente a pulsão de domínio, a dificuldade em ser generoso, isto é, a retentividade, seja material, seja afetiva, seja no nível da expressão verbal; a **ambivalência** entre o prender e o soltar[8], o egoísmo e o **colecionismo**.

Modelo Ideal (arquétipo) do Avarento na Literatura Universal

A literatura universal nos oferece alguns personagens notáveis, cuja psicologia é retratada com grande profundidade e que, por isso mesmo, se tornaram figuras clássicas da avareza, ou melhor, dos avarentos. O nome de ***Harpagon***, dado Molière, por exemplo, tornou-se sinônimo de avaro tanto na língua francesa como em português,

[7] Lembramos o caso de um paciente que quando usava sanitários públicos, escondia as fezes no bolso, enroladas num papel, e as levava consigo, para jogá-las na privada de sua casa. Ele não podia se separar de suas fezes em espaços que fossem externos. Isso mostra uma questão do interno x externo, oposição muito presente na analidade. O tema aqui é o "não sair de casa", "não sair de perto"; é a ambivalência entre a distância da casa versus apego e imobilidade, em suma, um dilema entre o longe e o perto, o dentro e o fora e o reter e o soltar.

[8] Escritórios de advocacia atualmente estão ficando abarrotados de questões contra avarentos sob a forma de mau-pagador, daquele que sofre para saldar seus compromissos, para soltar o dinheiro: o tipo "prisão de ventre", protelador que evita ao máximo separar-se de seu dinheiro , obrigando o credor a recursos judiciais demorados e que são para eles " um alívio", pois não terá que se separar de seus bens por um longo período . Muitas vezes estes tipos anais passam por sociopatas, mas o traço prevalente não é o de burlar a Lei. Quando descumprem contratos , eles o fazem, buscando primariamente a " retenção fecal". Curiosamente, não se importam muito de pagar quando isso se faz por meio a escambos ou trocas de valores não correlacionados com dinheiro-ouro-tesouro.

inglês e outras. ***Scrooge*** deu origem ao Tio Patinhas que há mais de meio século vem povoando a imaginação das crianças do mundo inteiro. Shylock, o tenebroso personagem de Shakeaspere, intriga, ao mesmo tempo em que também desperta ira pela sua desumana aposta[9]. ***Charles Grandet*** é finamente descrito com tal minúcia que se torna um personagem vivo e conhecido. Portanto, escritores fizeram grandes estudos de casos clínicos e nos fornecem exemplos que nos valem mais do que os da literatura proveniente da prática clínica a que temos acesso.

Alguns textos são considerados indispensáveis:

1. Plauto – A Comedia da Panela ou AULULARIA, sec. III A.C; personagem Euclião
2. Shakespeare – O mercador de Veneza: Shylock
3. Molière – L'Avare: Harpagon
4. Dickens – Um conto de Natal: Scrooge
5. Balzac – Eugénie Grandet : Charles Grandet.
6. De forma menos direta, figuras de avarentos povoam os textos de Dostoiewski, sobretudo Os Irmãos Karamazov (O Pai Karamazov), em Crime e Castigo (a velha agiota).
7. Sob a forma de fábulas em La Fontaine (L'avare qui a perdu son trésor" Livre IV, fable 20, L' Enfouisseur et son Compère, Livre X – Fable 4 Le Paysan du Danube Fable 7, Livre XI), e Esopo (A Galinha dos Ovos de Ouro, etc.).

[9] Ou seja, o pagamento da dívida de Antônio, seu arqui-inimigo Mercador de Veneza, por uma libra de sua carne.

Quadro 1
Quadro de temas presentes segundo autores clássicos

AUTOR/ Temas	Dinheiro	Ouro	Usura	Guardião	Filha Virgem	Dote	Sobrinho órfão
Shakespeare	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Plauto	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Molière	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Balzac	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Dickens	Sim	Sim	Sim	Sim	Substituto	Herança	Sim

Esta tabela nos mostra uma regularidade de certos temas em vários personagens, não apenas relativos ao próprio avarento, mas também relativos aos seus bens e relacionamentos sociais. Estamos, portanto, diante de uma **constelação** bem característica, que nos permitirá repensar as observações encontradas dentro da teoria psicanalítica clássica e verificar quais outros aspectos podemos ainda considerar para ampliar nossa compreensão da avareza.

Redes de conexões imaginárias

No texto de Plauto, que parece ser o primeiro escrito a focalizar o personagem do AVARENTO, Euclião carrega a questão de uma escolha entre a VIRGEM e o OURO e, portanto, uma equivalência psíquica entre a VIRGEM = Ouro, Ouro = Virgem, Perda do Ouro = perda da virgindade da Virgem.

Em Shakespeare, Molière, Balzac e Dickens, aparece a mesma problemática, sempre como o embaraço de um pai (ou equivalente) que, **GUARDIÃO da VIRGEM e do OURO**, se encontra no **dilema (ambivalência)** de escolher entre um dos dois e acaba escolhendo o OURO.

Nesse ponto, continuando a interrogar os textos e indo além dos **aspectos externos** observáveis, passaremos a investigar a **dinâmica**

interna do avarento, o que nos leva a colocar a seguinte questão**: qual a relação deste AVARENTO (ou Guardião) consigo mesmo**?

Ao tentar responder a esta pergunta, acabamos encontrando uma **nova constelação fantasmática**, ou uma variante do caráter anal, também presente na avareza. Essa nova constatação modifica parcialmente a nossa compreensão das fantasiais subjacentes ao **complexo de avareza**[10] e nos levam a descobertas de outras fantasias não diretamente ligadas à analidade, ainda que sejam, por vezes, associadas a estas.

Acompanhemos um pouco este nosso avarento. Podemos vê-lo dedicando-se completamente a guardar o ouro, a não deixar que ele se divida, mantendo a **Completude, a Indivisibilidade do seu Tesouro**. Ressalta-se um novo aspecto: o Tesouro só tem valor se não for dividido, se permanecer completo (provavelmente é o que impede o pagamento do dote). Para garantir a completude, o avarento acumula mais e mais, como se o horizonte desta completude se distanciasse, recuasse sempre além. Tal fantasia se ilustra com grande clareza em uma das modalidades da avareza, a figura do colecionador: sua motivação é, em essência, a procura da Totalização de uma série.

Continuemos seguindo essa idéia do Todo completo. Este **Tesouro** aparece como um substantivo coletivo absoluto, tal como o substantivo Baralho que só pode ser usado se nos referirmos a um conjunto completo de cartas. Para se constituir um baralho, exemplo que estamos aqui usando para simplificar a dinâmica da montagem de uma coleção ou totalidade, percebemos que suas cartas vão sendo obtidas ao logo do tempo, uma a uma. Portanto, quando se faz uma coleção, não se pode separar nem perder o que já se obteve. Essa dinâmica pode lembrar ainda a de um quebra-cabeça que tem que ser montado peça por peça para mostrar, no final, o quadro completo. A montagem do todo, pedaço por pedaço, acrescida de algo de aventureiro no processo de aquisição das peças, constitui a variante da avareza daquele que se dedica ao colecionismo.

---

[10] Do ponto de vista psicanalítico, uma vez que estamos tomando a avareza como um quadro ou entidade nosológica, cabe-nos denominá-la complexo, estrutura ou montagem caracterológica. Decidir sobre o termo mais apropriado, neste caso, será assunto para desenvolvimento posterior.

Outro aspecto que passa desapercebido, quando se faz uma pura e simples equivalência da avareza com a fase anal, é a percepção de que não é um prazer que parece mover o avaro na sua fixação na contagem do tesouro. Frequentemente, mais parece uma **"OBRIGAÇÃO"** pessoal penosa: a de manter o tesouro Intacto e Indiviso.

Sua inquietude e constante vigilância demonstram quanto medo ele está vivenciando. Tudo indica que ele não vê o Ouro, como moedas, como atomização de valores, como uma moeda de troca. Ele o vê como um Tesouro, este todo Indivisível, obrigando-se a fazer de tudo para manter este estado de **Completude e de Inteireza**. Caso contrário, o avarento irá sucumbir à mais intensa angústia. Bion faz uma preciosa observação sobre essa situação: *"O avarento guarda o seu tesouro como se fosse seu; mas teme servir-se dele como* ***se na realidade pertencesse a outrem.***" Sublinhamos que, em nossa linha de raciocínio, o tesouro, de fato, pertence mesmo a outrem. Assim, estaríamos diante não propriamente de uma pulsão para o ter, mas de uma escravidão quanto ao conservar.

Podemos ainda, compreender melhor a relação desta concepção do OURO e TESOURO, quando ligamos estes temas ao tema da VIRGINDADE. Na verdade, esses três termos são equivalentes (*vide quadro1, p.9).* Na literatura já citada, aparece, com frequência, nas relações familiares do avarento, a presença de uma virgem (geralmente sua filha), em vias de se casar (Shakespeare, Molière, Plauto, Balzac). Isso é geralmente acompanhado de situações que ameaçam a virgindade, ou mesmo a efetiva perda da virgindade da filha (Plauto). Sob esta luz, podemos ver que o Ouro seria não apenas a metonímia, ou deslocamento, das Fezes, mas também funciona como metonímia da Virgindade da Mulher-filha. Freud não focaliza esta vertente, mas ela é impositiva na literatura. Há grande destaque para a obrigação de guardar a virgem que se coloca como um par de oposto para a questão de não gastar o ouro (dote). Essa constatação nos trás algo bastante inesperado, para os adeptos de uma visão da avareza como ligada unicamente à analidade. Surge aqui a Adoração-ao-ser-completo, permeando essas relações, resultantes da fantasia do Ser grandioso, herdeiro do Narcisismo Primário, diversamente das fantasias anais de manipulação e controle das matérias fecais **divisíveis e fragmentadas**, tais como dinheiros, ouros, bens.

O tema correlato da **Pureza da Virgem** pode ser visto como ligado à analidade, quando se faz a equivalência Puro/Limpo X Impuro/Sujo=Fezes. Mas não é apenas isso que está em jogo. Propomos levar em consideração também a idéia de que puro pode aparecer como aquilo que é **Intacto.** Assim sendo, teremos uma **outra derivação:**

Virgem>pureza>completa>Intacta>total.

A literatura psicanalítica realça o erotismo anal e se baseia na idéia de que, ao contar suas moedas, ao manipulá-las, o avarento goza como se estivesse manipulando suas fezes. Estamos tentando mostrar até aqui que existe, entretanto, outro tipo de avarento via de regra não parece ser alguém que goza pela **posse do seu Ouro**. Mostra-se antes como uma sorte de Cavaleiro Templário, servidor vivente na mais estrita modéstia e parcimônia, abdicando de tudo para si e tendo como única meta guardar este inefável TESOURO (o filme Indiana Jones II apresenta personagem de um templário que guarda o Santo Graal, muito semelhante ao que estamos aqui descrevendo), numa tarefa interminável e sisífica.[11]

A partir deste ponto, nosso raciocínio pode caminhar um pouco mais, pois pelo que se depreende do que dissemos anteriormente, este TESOURO encerra um Ideal de Completude que é da **ordem do DIVINO**[12]. O ouro sempre foi o metal que simbolizava e refletia a luz e a luz sempre foi equivalente ao próprio deus. Servir ao Ouro e servir ao deus dentro de um devotamento extremado, passando por enormes sacrifícios e privações, sem usar do Ouro para si, mas deixando-o lá, é um ritual antigo de sacerdotes e sacerdotisas cuja persistência encontramos na Avareza.

---

[11] Referência ao mito grego de Sísifo

[12] Em suas diversas sentenças sobre a avareza, Tomas de Aquino diz o seguinte: *"(São Paulo diz) que a* ***avareza é idolatria*** *por uma certa semelhança com a servidão, pois tanto o avaro como o idólatra servem mais a coisas criadas do que ao criador* "(in Tomás de Aquino, Os sete pecados Capitais, trad. Luiz Jean Lauand, Martins Fontes, São Paulo, 2004).

Desta forma, assim como Freud encontrou na Civilização ecos da Primitiva Horda e dos irmãos fratricidas, podemos deduzir a presença de antigos rituais de culto ao ouro ou ao deus do ouro na montagem psíquica da avareza, a filogênese, sendo mantida e recapitulada, ontogeneticamente, pelo avarento.

Resumindo, nas fantasias e constelações psíquicas até aqui revisitadas, encontramos duas vertentes fantasmáticas:

1ª. Vertente: VIRGEM = PUREZA, o que (não) é sujo= fezes = dinheiro= ouros (com minúscula).

2ª. Vertente: VIRGEM= o que é Completo = o Indiviso = o OURO (com maiúscula).

A questão do avarento

Chegamos assim a modificar nossa compreensão da questão do Avarento. Ao levar em consideração sua extrema pobreza pessoal, to muito que sacrifica dos prazeres mundanos para manter seu tesouro intacto, fica também evidenciado o lado não do gozo do dinheiro, mas de uma servidão, no sentido de "***servitio***" que falamos no início de nosso artigo. Se não é por prazer, por cupidez (como no egoísmo e na ganância), sua questão parece ser a de **não dividir Algo Que Só Pode Ser se for Completo.** Neste sentido, paradoxalmente, a **problemática do avaro poderia ser vista como uma questão do Ser e não do Ter.** O dote da filha é algo que o apavora, pois se trata de uma divisão do tesouro do qual é guardião e não apenas do egoísmo de não dar dinheiro por falta de generosidade. E a perda de um pedaço significa aqui perda de identidade, muito mais do que medo de castração ou mutilação.[13]

[13] **Jacques Schotte**, famoso psicanalista belga (Université de Louvain) gostava de usar as seguintes distinções: a) *membres* (parte de um todo com uma função específica e diferenciada; *partie* (qualquer pedaço de um todo sem diferenciação ou especificidade, mas capaz de mostrar de onde provém); *bribes et morceux* (pedaços esparsos de origem irreconhecível). Quanto mais inespecífico mais próximos estamos das funções mais primitivas de constituição do sujeito.

Essas considerações explicam o fato de que, curiosamente, quando há uma intervenção sobrenatural (divina), o avarento pode se livrar de sua penosa tarefa e se transformar em generoso (Plauto, Molière, Shakespeare e Dickens e mesmo Balzac) e aceitar o dom do dote.

Novos elementos para a compreensão das fantasias inconscientes subjacentes à avareza

O valor do ouro ligado à divindade, à devoção a algo imenso está, provavelmente, intimamente ligado ao Eu Grandioso do Narcisismo Primário. A questão da Virgindade e da Completude apontam para a questão de um Édipo inelaborável, uma vez que existe uma impossibilidade da aceitação da perda da mãe para com o pai, uma impossibilidade de ver a mãe como mulher e a manutenção da imagem da mulher como o **INTOCADO, o COMPLETO, o FECHADO, o INDIVISÍVEL**. Não aceitando a triangulação, a criança se refugia em uma posição libidinal caracterizada por um sério impasse. Foi barrada a uma evolução normal do Édipo, quando as fantasias emanadas do temor à castração da mulher, acrescidas do fantasma de Onipotência proveniente do self Grandioso, promovem uma refração, um desvio do objeto heterossexual, em direção ao objeto homossexual. Aqui, portanto, a escolha homossexual aparece como uma consequência da impossibilidade de transpor a questão edípica, pois a imagem da mãe como mulher do pai e que perdeu a virgindade, não sendo mais TODA, é inaceitável.[14]

Para manter-se mergulhado na **fantasia da MÃE-VIRGEM**, o menino abdica da sua sexualidade dirigida a ela e procura no homossexualismo um prazer substitutivo, sendo então levado a uma regressão dinâmica (temporal) à fase anal. Em resumo, não estamos diante de uma regressão por horror à castração, enquanto perda do pênis; é um horror à realidade que contradiz a **fantasia da MÃE-**

[14] Também no fetichismo podemos encontrar uma fantasia inconsciente semelhante, visto que ele necessita manter uma imagem completa da mãe, isto é, da mãe portadora de um pênis. Fantasia esta semelhante a da mulher-una, mas não idêntica, pois, a representação desta mãe portadora de um pênis é uma reconsstituição fantasmática feita *a posteriori* pelo menino.

VIRGEM-COMPLETA, terror de perda da identidade, horror deslocado e transformado em seu oposto que é a veneração, tal como podemos encontrar, por exemplo, em certos cultos marianos instituídos por fanáticos católicos.

A partir desta vertente da avareza como ligada ao serviço junto a uma divindade, sendo o acúmulo de ouro tarefa de guardião de um tesouro, iremos, em seguida, colocar os ***jalons,*** os esteios, para mostrar como essa fraqueza humana vai se tornar paulatinamente um valor social aceito e um modelo de vida a ser seguido.

2ª. PARTE:
ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA AVAREZA

O alastramento da avareza

O caráter anal é uma estrutura baseada na prevalência de fantasias ligadas ao erotismo anal. A avareza, como tentamos demonstrar, é muito mais extensa e engloba também, mas não unicamente, fantasias anais, tendo ainda componentes religiosos e psicossociais.

A avareza evolui, com o capitalismo moderno, de uma particularidade individual para um valor cultural, coletivo e globalizado. É no Ocidente moderno, onde foi gerado o modelo econômico capitalista, que a avareza vai se tornar mais uma virtude do que um vício.

Max Weber mostra isso de forma inequívoca num dos mais perfeitos livros de ciências sociais, jamais escrito: "*A Ética Protestante e o espírito do capitalismo*" (1905), publicado no mesmo ano em que Freud produzia seu iluminado trabalho "*Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade*".

Weber vai mostrar que segundo a ética protestante, sobretudo a que emana do protestantismo calvinista, o condenável é menos a posse das riquezas do que descansar e desfrutar delas. Retirando dos evangelhos citações para fundamentar essa posição, os protestantes afirmam que para obter sua salvação, o homem deve « *fazer o trabalho d'Aquele que o enviou, por tanto tempo enquanto dure o dia* » (João, IX,4). O ócio

é o maior dos pecados. Para eles, o trabalho, o labor, é um fim em si mesmo para a vida humana. Há uma desvalorização das horas perdidas em rituais e louvores a Deus, pois o trabalho é um sinal de estar dentro da graça de Deus. Muito caro era para estes protestantes o versículo de Paulo : « *Se alguém não quer trabalhar, que ele também não coma* ». Qualquer repugnância ao trabalho é sinal da ausência da Graça.[15]

Neste sentido, há na avareza características que alimentam a religiosidade, ou o aspecto que realçamos como a vertente do OURO = DIVINDADE = COMPLETO = TOTALIZADO, ou seja, a devoção, a obediência a uma instância de enorme valor (a Riqueza), a escravização a este ser supremo, a dedicação, o sacrifício pessoal, a missão, a perseverança.

A progressiva construção de um modelo de sociedade baseada na substituição do culto ao seu deus e às entidades espirituais, pelo culto ao novo deus-ouro-riqueza nos mostra o quanto a vertente da avareza ligada não somente ao erotismo anal, mas prevalentemente ao narcisismo primário e à fantasia do Eu grandioso (bases indispensáveis para o sentimento religioso), possibilita a entrada, deste tão falado vício, no mundo dos novos valores da contemporaneidade. Essa entrada se dá por um deslizamento de sentido, pelo uso do artifício de uma mudança de nomenclatura:

Valor	Dinheiro
Protestantismo	Capitalismo
Obediência a deus	Obediência ao mercado
Graça	Acúmulo de juros

A vida religiosa é substituída por uma devotada e incessante preocupação com a economia e com os valores monetários. Como decorrência, as relações sociais serão marcadas por traços narcísicos: individualismo, egoísmo, frieza, isolamento, distanciamento.

---

[15] O próprio Confúcio percebia na avareza também este lado de virtude, quando diz: "*O pródigo é arrogante e o avaro é mesquinho. É preferível a mesquinhez à arrogância.*"

A emergência da burguesia como a nova classe dominante contribuiu também para a instalação de valores próximos à avareza como proposta de virtude e de valorização social.[16] Sendo, de inicio, a família burguesa, economicamente sólida, porém cultural e socialmente frágil, sua afirmação social passava por uma radical mudança nas aparências. Privilegiar as aparências para ser largamente aceita, levou ao estabelecimento de valores tais como: ordem, limpeza, estética que se tornaram exigências imperiosas impostas às crianças desde sua tenra idade. Os pais passam a adestrar seus filhos para conseguirem desde cedo mais controle sobre suas funções corporais, inculcando neles verdadeiro horror ao sujo, às suas próprias fezes, portanto, a seu próprio corpo. Tal tipo de educação disseminada na Europa burguesa, geradora do capitalismo moderno, levou a uma rígida educação esfincteriana e, portanto, a criação em larga escala de patologias da analidade.

Evolução da avareza social

Percebemos que a forma de expressão da avareza modificou-se saindo de uma primeira modalidade, típica do período que vai da antiguidade clássica ao século XIX, para uma nova forma, a partir do século XX.

Na primeira fase, o avarento era representado como um acumulador petrificado, sonhando com a imortalidade de seus bens e congelando a vida através da atribuição ao dinheiro e ao ouro, não um valor de troca ou um meio de se obter prazer, mas um valor em si, em sua imobilidade e absolutização[17].

---

[16] Temos ainda que considerar uma forma de avareza como **Formação Reativa**, de caráter compensatório, que pode ocorrer na vida de quem sofreu grandes privações (avareza como retentividade e medo da perda). Isso explica porque a avareza ocorre freqüentemente na velhice.

[17] Conheci dois irmãos floristas em Louvain que acordavam diariamente às 4 da manhã e trabalhavam como escravos, sem contar sequer com um ajudante. Não se casaram, não se cuidavam, não tinham qualquer lazer e jamais viajaram. Possuíam mais de 10 prédios com apartamentos alugados e entesouravam o que ganhavam, mantendo um "modus vivendi" da época em que seus pais, depois da guerra, iniciaram o negócio. Eles davam a impressão de nunca percebido que fortuna deles havia havido aumentado. Viviam como se ainda estivessem saindo da miséria. O termo "miserável" expressa bem esse duplicidade: alguém que vive na miséria e também que causa a miséria de seus semelhantes.

A partir de **meados do século XX**, a avareza adquire uma nova cara: o conceito de imortalidade torna-se dinâmico. Não é mais uma perpetuação do mesmo, mas a infinita possibilidade de retornar ao inicio pela renovação constante dos bens que se adquire.

O **consumismo** tem um lado de eterna juventude, de uma esperança e ilusão de ter sempre o novo, a última tecnologia, a última palavra. As palavras valorativas do século XX têm sempre a partícula **re=novo-de-novo**. Ao trazer às coisas velhas e antigas um frescor do "new again", "I want to be forever young", das cirurgias plásticas que nos dão a juventude perdida, passamos a acreditar e a querer a imortalidade, jogando fora o velho e adquirindo o novo, criando uma coletivização da avareza, pois endeusamos os bens materiais, característica específica dela, mas os queremos sempre com a cara de recém nascidos, recém criados, com o "cheiro de novo" de um carro zero km. Para isso, há sempre um esvaziamento dos valores já adquiridos, obrigando as pessoas a buscar coisas novas porque o NOVO passou a ser o valor supremo.

Capitalismo pós-moderno

No capitalismo pós-moderno, a avareza se torna, portanto, uma proposta global de vida coletiva e os valores ligados tanto à analidade como ao narcisismo primário passam a promover, em larga escala, uma regressão da verdadeira posição genital para uma falsa genitalidade de profundas conotações anais e narcísicas. Dentro das características salientadas por Karl Abraham, ou seja, da prevalência do controle, vamos encontrar, em nível social, o desejo de controle fecal sendo substituído agora pelo controle dos bens de consumo. A **autossuficiência** pequeno burguesa assemelha-se ao próprio funcionamento dos intestinos. Retomando o tema da analidade, podemos inferir que é tal qual o bolo fecal que é o resultado de uma perda da água pelos movimentos peristálticos de compactação, para que no final se forme uma massa homogeneizada. Nesta fecalização homogeneizante, toda uma **sociedade capitalista-anal-narcísica**

controla uma massa homogênea de seres humanos[18] dos quais foram eliminadas as diferenças, montando as derivações da equação fantasmática:

Fezes>massa informe>argila >massa homogeneizada moldável

Auschwitz é o exemplo máximo da criação de uma massa homogênea resultante da destruição de milhares de individualidades, reduzidas a fumaça. Fazendo referência às chaminés do campo, continuamente soltando a fumaça negra dos fornos crematórios, um guardião do campo descreveu Auschwitz como "o ânus do mundo". Com mais charme, vítimas dos controladores gerais dos sistemas, tentamos nos defender do pânico de sermos transformados em massa homogênea, teatralizando, pelo mecanismo de identificação com o agressor, histórias de clones ou robôs, seres modeláveis e controláveis, na enorme produção que a Geração Y faz de filmes em que prevalece a angustia da ameaça da robotização ou "massificação". O valor que essa geração dá à aparência corporal advém de uma forma de inversão das fezes (desvalorizadas socialmente, portanto sendo um prazer mais secreto e pessoal) em riquezas, roupas e bens de consumo (mais valorizados socialmente e ligados à aparência exterior). "Por fora bela viola, por dentro pão bolorento" ou na expressão similar em alemão: "*Über hui! Unter pfui*!".

Para ilustrar , temos um caso clínico de uma jovem paciente, bonita, profissionalmente bem sucedida e, inclusive, muito preocupada com sua aparência. Seu único problema consistia em passar dias e, até semanas, sem trocar suas calcinhas. Muitas vezes, essas peças tinham que ser jogadas fora, pois tinham chegado ao "*no return point*".

[18] **Zygmunt Baumann** em "Modernidade líquida" fala dessa homogeneização do corpo social como "derretimento dos sólidos" como um traço permanente da modernidade, como uma espécie de dissolução das forças de resistência: "poderes de derretimento das instituições até então existentes". Quando falamos de homogeneização, queremos nos referir ao mesmo fenômeno que Baumann chama de liquefação. Nas duas metáforas se quer acentuar o aspecto homogeneizante de uma massa amorfa, fácil de ser controlada e sem identidade própria. (cit. Zygmunt Baumann, "Modernidade Líquida, p.12-22, Ed. Jorge Zahar, 2001).

Nesse cenário de desvitalização das relações sociais, mais um traço anal aparece: a perpétua insatisfação. Obviamente, quem jamais se encontra afetivamente de forma completa (genital anaclítica) com outro ser humano, nunca consegue experimentar qualquer satisfação plena.

Nosso sistema econômico, perversamente, nos propõe, de forma coletiva, um maciço retorno à nossas fantasias pré-genitais, dissolvendo as aquisições das fases ulteriores do desenvolvimento da libido, dissuadindo a busca de prazeres conquistados nestas fases e nos mantendo em estado de insatisfação constante. Como remédio para essa insatisfação, a sociedade (com seu novo deus, o MERCADO), nos joga agora e sempre numa infindável busca, nos mantendo assim sob seu jugo e seu controle.

Três modalidades psicossociais do avarento

Gostaríamos de terminar tais considerações propondo uma tipologia ou melhor a diferenciação de **três modalidades psicossociais de avarento:**

1. A que prevalece desde o advento da burguesia até final do sec. XIX, em que predominava o **estilo retentivo**, aquele sujeito que acumula e não gasta nada. Teríamos aqui o avarento **CHEIO**, mais próximo da **analidade masculina obsessivo-compulsiva**.
2. A modalidade do século XX e XXI aparece ligada à vertente do **VAZIO. Manifesta-se como um estilo de vida consumista**, em que o sujeito acumula compras, locupletando suas casas com tudo que se vê: esta forma é mais **ligada à ganância, a uma gula de bens** e à **insaciabilidade**. Está mais próxima da vertente da **eterna insatisfação da histérica,** semelhante ao conceito, já mencionado por Santo Agostinho, de avareza geral diferente da avareza apenas ligada ao dinheiro.
3. A **modalidade do colecionador**, mais ligada à idolatria dos bens, apresenta os dois aspectos, **Vazio e Cheio**, em uma

montagem infinita da coleção. O colecionador carrega a idéia de que uma série ao ser completada se torna uma Totalidade. É típico, nesse caso, o sacrifício, riscos aventurosos incorridos em prol da coleção. Tais aspectos fazem com que o colecionador apareça como aquele que conseguiu sublimar da avareza, tendo ainda alcançado ampla aprovação social em uma atividade ego-sintônica.

CONCLUSÃO

Tal tema apresenta uma imensa amplitude de aspectos que merecem desenvolvimento amplo e rigoroso. Seria de grande valia continuar ampliando nossa compreensão do assunto, percorrendo as diversas derivações da avareza, tal como é sugerido em Santo Tomaz de Aquino, quando ele estuda a Avareza e suas Filhas, e mostra como um vicio inicial se propaga e exige o desenvolvimento de novos vícios.

Em termos psicanalíticos, poderíamos demonstrar o quanto um núcleo patológico desta ordem, pouco a pouco, pode interferir em um grande conjunto de fantasias do sujeito, provocando novos inúmeros transtornos em suas atividades, afetos, pensamentos e em sua própria estruturação psíquica.

BIBLIOGRAFIA

Abraham, Karl – Oeuvres Complétes: Tome II- Development de la Libido, Essais théoriques : Complements à la théorie du cactère anal, Paris, Payot, 1966.

Aguiar, Melania Silva de – "A avareza na Literatura: a paixão de ter através dos tempos"", in "Os sete Pecados Capitais", Edit. Autentica, Belo Horizonte, 2001

Aquino, Santo Tomas – Sobre o ensino/ Os sete pecados capitais, Martin Editora, 2ª. Edição, 2001

Aurélio, Novo – Dicionário de Língua Portuguesa, 2ª.edição, Editora Nova Fronteira 1986

Balzac, Honoré – Eugénie Grandet, Paris, Edit Pléiade, Gallimard, 1964

Baumann, Zygmunt – "Modernidade Liquida, p.12-22, Ed. Jorge Zahar, 2001

Catecismo da Igreja Católica, Edição Típica Vaticana, Ed. Loyola, 1999

Dickens, Charles – Um Conto de Natal, trad. Ademilson Franckinni, Porto Alegre, L&MP Pocket, 2008

Dostoievski, Fiodor M. –Os Irmãos Karamazovi (2 vol),[trad. Rachel de Queiro],, Livraria José Olympio, 1962

Dostoievski, Fiodor M. – Crime e Castigo,[trad. Rosario Fusco] Livraria José Olympio, Rio **de** Janeiro, 1962

Ferry, Luc – "A Sabedoria dos Mitos gregos- Aprender a Viver II", Edit. Objetiva, Rio de Janeiro, 2008, p. 168-174

Freud, S.- Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905) tomo VII; in Edição Standard Brasileira das Obras completas, Editora IMAGO, 1974

Freud, S._Carater e Erotismo Anal (1908) Tomo IX, in Edição Standard Brasileira das Obras completas, Editora IMAGO, 1974

Freud, S. – *« L'Homme aux rats « , [1908] texto frances/alemão [trad alem. Elza R. Hawelka], Presses Universitaires de France, Paris, 1974*

Freud, S. – Predisposição á Neurose Obsessiva (1913) tomo XII, in Edição Standard Brasileira das Obras completas, Editora IMAGO, 1974

Gilles Lipowetsky – A Era do Vazio- Ensaios sobre o individualismo contemporâneo,[trad. Therezinha m. Deutsch], Barueri, SP, Editora Manole, 2006,

GREEN, André – Névrose obsessionnelle et hystérie, leurs relations chez Freud et depuis. Étude clinique, critique et structurale, 1964, in Revue française de psychanalyse, n0 5-6, 1964

Green, André – Névrose Obsessionnelle et Hystérie, Rev, Rev. Franç. Psychanal., t.23, , n°5-6, 1964

Green, André – *Metapsychologie de la Nevrose Obsessionnelle, Rev. Franç Psychanal, n° 4, 1967*

La Fontaine, Jean de – Fables,Flammarion, Paris, 1996

Maffesoli, Michel – No fundo das Aparências, Ed. Vozes, Petrópolis, 1999

Molière – L'Avare, Oeuvres Complétes, tome III, Paris, GF Flammarion, 1965

Plaute, Aulularia. [trad. A. Erenout], 3a. Edição, Paris, Les Belles Lettres, 1952

Santo Agostinho – Eth. IV, 1, 1119 b 26-27; Super Gen. XI, 5;

Shakespeare – Le Marchand de Venise, Oeuvres Complétes, tome I , trad. De Victor Hugo, Bibliotheque de Pléiade, NRF, Paris, 1959.

Weber, Max – *L'Etique Protestante et l'Esprit du Capitalisme,1905, [trad. Fr. Jacques Chavy], Paris, PLON, 1964*